



## A COMPLEMENTARIDADE ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA NO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO

MARCO CÉSAR DE SOUZA MELO<sup>1</sup>

**RESUMO:** O escopo do presente trabalho é apresentar um estudo sobre os conceitos de filosofia e teologia no pensamento do filósofo medieval Tomás de Aquino. Analisaremos os referidos conceitos com base nos escritos do autor nas obras: *Suma Contra os Gentios* e *Suma Teológica*, considerando exclusivamente os capítulos que tratam do objeto de estudo. Nossa metodologia consistiu na leitura exegética dos textos procurando verificar o sentido dos conceitos concernentes ao objeto de pesquisa bem como a tessitura que se estabelece entre os mesmos. Procuramos averiguar a validade da hipótese de que a teologia segue necessariamente do pensar filosófico na escala do conhecimento em Tomás de Aquino e, além disso, essa sequência nos revela uma relação de complementaridade entre ambas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tomás de Aquino. Filosofia, Teologia.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is present a study about the concepts of philosophy and theology at the thought of the medieval philosopher Thomas Aquinas. It Analyzes these concepts based on the writings of the author in the works: *Summa Contra Gentiles* and *Summa Theologica*, considering only the chapters that deal with the subject matter. It will investigate the validity of the hypothesis that theology necessarily follows the philosophical thinking on the scale of the theory of knowledge in Thomas Aquinas. In addition, this sequence reveals that there is a complementary relation between both concepts.

**KEYWORDS:** Thomas Aquinas. Philosophy. Theology.

Neste trabalho nos propomos a averiguar a relação entre os conceitos de razão, fé, filosofia e teologia no pensamento do filósofo escolástico Tomás de Aquino. Esperamos que o estudo nos ajude a perceber as delimitações dos campos do saber filosófico e teológico e, ainda, a compreender as especificidades do trabalho dos respectivos atores destas disciplinas, isto é, o filósofo e o teólogo. Além disso, também objetivamos absorver o sentido da relação entre os referidos conceitos, que a nosso ver indicam que o processo do filosofar para Tomás de Aquino conduz inevitavelmente para o campo da teologia, ou seja, a teologia aparece no sistema tomista como passo subsequente à filosofia na escala do conhecimento e que não se edifica sem o saber propedêutico da filosofia. Assim, nossa pretensão é estudar os binômios razão/fé,

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: smarcocesar@hotmail.com.

filosofia/teologia, conceitos elementares e basilares de toda a filosofia tomista, com a finalidade de entender como o autor concilia-os de modo a confirmar a hipótese de que essa relação complementar expressa caráter de necessidade.

Nossa hipótese tem como base as ideias expostas por Tomás de Aquino nos textos referentes ao tema em tela, neste caso destacamos o capítulo I da *Suma Contra os Gentios*. No referido escrito, nosso autor não somente apresenta sua concepção de filosofia e teologia, mas também descreve, em termos de uma teoria do conhecimento, um processo de ascensão da razão partindo do conhecimento natural e elevando-se até as verdades últimas, que para o citado autor representa o conhecimento da substância divina. O problema do conhecimento aqui se identifica com o próprio itinerário do cristão na sua busca pelo divino. Constitui tarefa do cristão que deseja conhecer a Deus exercitar sua capacidade natural de conhecer, isto é, a razão. Neste exercício, o sujeito passa necessariamente pela filosofia, que para Tomás é o conhecimento da essência das coisas (criatura), para posteriormente conhecer a Deus (criador). Assim, a principal suposição segundo a qual dirigimos nossa pesquisa é a de que a teologia, saber de Deus, representa etapa culminante de um processo de conhecimento que tem por base a filosofia.

O trabalho está dividido em três partes principais: no primeiro momento abordaremos o conceito tomista de filosofia; na segunda parte, a concepção tomista de teologia; ao final abordaremos a relação entre os conceitos estabelecida por Tomás.

### **Razão e filosofia segundo São Tomás de Aquino**

Santo Tomás de Aquino inicia o primeiro capítulo da *Suma Contra os Gentios* (AQUINO, 1990, p. 20) afirmando que toda arte se ordena segundo a sua finalidade última, como, por exemplo, a medicina tem como fim a saúde. Com efeito, a finalidade de cada coisa é pré-fixada desde sempre pelo seu primeiro autor. Ampliando esta norma para o plano do cosmo, Tomás propõe que o Intelecto como potência última e motor de todas as coisas estabeleceu que a verdade é a finalidade do ser que tem como característica predominante a razão (*ratio*).

O fim último de cada coisa é intencionado pelo seu primeiro autor ou motor. O primeiro autor ou motor do universo é o intelecto, como mais além se verá. Convém, pois, que o fim último do universo seja o bem do intelecto, que é a verdade. Donde ser a verdade o fim último de todo o universo. Donde, também, convir à sabedoria entregar-se, acima de tudo, à sua consideração. (TOMÁS DE AQUINO, 1990, 20).

Importa ressaltar que a filosofia do aquinate pretende perfazer o conjunto completo do ser, isto é, sua teoria compreende um sistema que pretende integrar todas as instâncias do ser. Deus como potência primeira cria e dispõe todas as coisas segundo um ordenamento no qual

tudo se dirige para o bem (AQUINO, 1990, p. 19). Entenda-se o bem como a identificação de cada coisa com a sua respectiva funcionalidade essencial, isto é, quando um ser corresponde ao que lhe cabe encontra a realização de seu fim e identifica-se com o bem (AQUINO, 1990, p. 19). O homem como ser essencialmente racional só encontra o bem na efetivação do pensar. Sendo o bem da razão a verdade, será também o bem do homem o alcance da mesma.

A razão é a capacidade cognoscente dada ao homem para que este use-a com vistas ao conhecimento da verdade. A presença da razão no homem obedece à norma geral do ser que é a tendência para o verdadeiro. Note-se aqui que Tomás de Aquino parte do pressuposto de que a verdade existe e pode ser objeto do entendimento humano (OLIVEIRA, 2000, p.83). A verdade não está posta de imediato. É necessário ao homem fazer o caminho de ir ao seu encontro mediante a aplicação da racionalidade. A verdade fundamental é Deus e, por essa razão, ao buscar a verdade o homem não faz mais do que buscar a Deus.

O caminho do homem rumo à verdade, ou seja, para Deus, não parte inicialmente do próprio Deus. Em outras palavras, não é possível ao homem ligar-se diretamente à essência divina, pois ela não está dada imediatamente ao intelecto humano. É preciso partir do conhecimento daquilo que se encontra mais próximo do homem, isto é, as coisas. É, portanto, na aplicação das capacidades racionais para o conhecimento das coisas que imediatamente cercam o homem que este exercita sua razão e inicia o caminho para Deus. Esse trajeto do homem para Deus é o que caracteriza para Tomás a filosofia, ou seja, ela nada mais é do que a busca da verdade, porém, essa verdade se identifica com o Deus cristão. Por isso mesmo, o próprio filosofar incorpora e parte de certos pressupostos, tais como: a) a criação do mundo e do homem por vontade divina ao contrário da concepção clássica da eternidade do cosmo; b) todas as coisas foram criadas segundo uma finalidade (*telos*) fundamental e, portanto, tendem naturalmente para tal fim (GILSON, 2001, p.655).

Como a filosofia provém da capacidade racional do ser humano, ou seja, da luz natural, ela só pode trabalhar com aquilo com que o homem se relaciona. Isso significa que o objeto próprio da filosofia é o conjunto das coisas que podem ser apreendidas pela razão, aquilo que se adequa segundo a lógica racional e pode ser demonstrável em um discurso ordenado e conciso. As coisas que fogem a lógica da razão não possuem aporte na filosofia, isto é, não possuem dignidade filosófica, como, por exemplo, o fato de Deus ser uno e trino ao mesmo tempo não se adequa à lógica da razão e só pode ser aceito pela fé e tematizado no âmbito da Teologia.

Todo o domínio da filosofia pertence exclusivamente à razão; isto significa que a filosofia deve admitir apenas o que é acessível à luz natural e demonstrável apenas

por seus recursos. A teologia baseia-se, ao contrário, na revelação, isto é, afinal de contas, na autoridade de Deus. (GILSON, 2001, p. 655).

Para que possamos compreender o processo do filosofar, faz-se mister conhecer de início os conceitos que integram a atividade racional. A razão, como vimos, compreende a luz natural, isto é, a faculdade que mune o homem da capacidade de conhecer as coisas, mais do que isso, de abstrair das coisas e chegar a graus mais elevados de saber e conhecer a ordem que se esconde por traz dos seres do mundo e suas relações.

O processo da abstração inicia pelo mais simples e se move ao mais complexo mediante um encadeamento, que Tomás de Aquino chama de raciocínio. Dessa maneira é que se torna possível o alcance do não visível, essência das coisas, partindo do visível, do empírico. Ao considerar um determinado elemento do ser como objeto da razão, o sujeito adquire uma primeira verdade ou a essência do objeto, aquilo que ele é em si mesmo. Posteriormente, o conhecimento das diferentes coisas promove um salto para um patamar mais elevado do saber, pois já é possível pensar as relações entre os objetos. É neste momento que se alcança a ordem ou lógica que regula o ser em conjunto (AQUINO, 2001).

O vocabulário básico da Suma Teológica nos ajuda a compreender melhor o conceito de razão para Tomás, descrevendo-o, ainda que em poucas linhas:

A palavra ratio possui dois significados ao mesmo tempo inseparáveis e diferentes. Ou se trata da faculdade de pensar, ou, então, se trata da própria realidade (essência), aquilo pelo qual ela (uma coisa) é aquilo que ela é. No primeiro sentido, a razão pode confundir-se com a inteligência. Mas ela pode distinguir-se: a função discursiva distingue-se da função intuitiva do espírito. A razão é a inteligência tal qual ela se apresenta no homem, não somente abstrativa, mas ainda avançando de uma verdade a outra por um encadeamento denominado raciocínio. As razões são as verdades sobre as quais nos apoiamos para demonstrar ou descobrir outras. Mas as razões que temos de pensar isto ou aquilo são as próprias razões que têm as coisas de ser aquilo que elas são. E isso nos leva ao segundo sentido. A racionalidade do real exprime-se pelo princípio de razão de ser ou razão suficiente: todo ser deve justificar-se à razão. Esse princípio implica que o real seja obra de um Pensamento. Assim, falaremos de razões eternas. Diremos mesmo que existe uma razão imanente em cada coisa, um logos, e é de sua própria essência, de sua inteligibilidade particular que desejamos falar. (NICOLAS, 2001, p. 43 In: AQUINO, 2001. Parênteses nossos).

O termo razão (*ratio*) tem, portanto, um duplo sentido na obra de Tomás de Aquino. Nosso autor emprega-o em primeiro lugar para definir a capacidade discursiva do homem, ou seja, para descrever a capacidade de abstrair e conhecer tudo aquilo que se encontra logicamente disponível ao conhecimento, aquilo que integra o arcabouço do concebível pela filosofia. Com efeito, se pela razão se conhece as coisas e suas relações, é porque nelas mesmas há inteligibilidade, isto é, a própria essência de cada coisa é algo inteligível e se torna evidente quando de sua apropriação conceitual. Eis, então, a segunda acepção do termo razão: o dado essencial de cada objeto que emerge para o entendimento do sujeito.

Apreender a essência de cada coisa conhecida significa também abstrair de tudo que empiricamente obscurece o conhecimento do objeto, isto é, sobressair por entre as suas contingências. Todo objeto é circunstanciado, ou seja, as coisas não são imediatamente tal como sua essência as determina, mas, ao contrário, como todo objeto do mundo, estão sempre condicionadas por uma série de características que as particularizam. Se as coisas não se assemelham por suas características empíricas, o dado que as conjuga em um conjunto relativo a determinado conceito é somente a sua essência universal. Assim, por exemplo, há maçãs de diversas cores, sabores e tamanhos, no entanto, o dado que as une enquanto maçã é a essência comum entre elas, que as categoriza. O dado essencial das coisas é o elemento que a razão apreende quando da contemplação dos objetos. Conhecer significa, portanto, ir além da aparência que deturpa e confunde e se elevar ao nível do essencial, isto é, aquilo que faz cada coisa ser o que é.

Ora, o princípio de todo conhecimento que a razão apreende em alguma coisa é a intelecção de sua substância. Aliás, segundo ensinamento do Filósofo (Aristóteles), o princípio da demonstração é o que a coisa é. (AQUINO, 1990, p.22, parêntese nosso).

Ao afirmar que a razão apreende a essência das coisas, Tomás de Aquino tem por base o princípio de não contradição. Dessa maneira, a essência de cada ser é efetivamente existente e não poderia ser de outro modo. A identidade do objeto se salva ante a pluralidade das contingências. Nosso autor demonstra sua hipótese ao descrever que no contato com as coisas não são as particularidades que prevalecem, mas logo que ocorre o encontro entre sujeito e objeto o dado essencial se objetiva, isto é, torna-se aparente ao sujeito. O ser não pode ser diverso, ou seja, “o contingente, como o nada absoluto, são impensáveis em si mesmos” (OLIVEIRA, 2000, p.86). Ao intelecto só é possível apreender o essencial e necessário, justamente porque a essência é que participa da ordem do ser, bastando apenas o contato com a razão para que se torne manifesto.

Com isso, podemos perceber que há, para Tomás de Aquino, uma espécie de identificação entre ser e pensar. À medida que se conhece torna-se o conhecido efetivo no plano do ser. Isso significa, também, que há uma relação entre o *logos* do sujeito e o *logos* do objeto, e que ambos encontram-se determinados pela ordem do *logos* universal, havendo necessariamente uma identificação entre a ordem do intelecto (*logos*) e a do ser (ontológica). Assim, fica estabelecido que é necessária a afirmação do absoluto do ser e que também é necessário tudo que se apresenta objetivamente à consciência.

Santo Tomás aponta na síntese judicativa e na afirmação do esse (existir) no juízo, o lugar inteligível do encontro entre a inteligência e o ser na sua plenitude existencial, de tal sorte, que esse encontro venha a operar a identidade, na ordem intencional, entre o sujeito cognoscente e o objeto real conhecido. (LIMA VAZ, 1998, p.39).

O conhecer dos objetos compreende uma função específica, que é trazer à tona o ser das coisas. O homem como único ser de razão é, desse modo, o responsável por fazer com que o ser torne-se manifesto. Na medida em que o homem exercita sua razão no conhecimento das coisas faz com que elas apareçam, isto é, faz com que elas saiam da ordem fenomênica e passem para a ordem objetiva do ser (OLIVEIRA, 2000, p. 86). Nesse sentido, o homem é aquele que presentifica o ser, mediante a manifestação do *logos* no plano da existência.

Para Tomás de Aquino, o uso da razão ou luz natural não é algo facultativo, mas obrigatório àquele que pretende alcançar as verdades mais elevadas. Isto quer dizer que a verdade suprema, ou Deus, só pode ser atingida quando se inicia um processo linear de conhecimento. Por conseguinte, a escala do saber começa pelo conhecimento das coisas e termina no alcance da verdade absoluta. Não há outro meio de chegar à verdade suprema se não começando pelo mais elementar, isto é, o conhecimento do que se apresenta imediatamente ao intelecto, os objetos.

A filosofia não pode ser eliminada, pois ela constitui degrau necessário rumo ao conhecimento de Deus. É por isso, que nosso autor afirma na *Suma Contra os Gentios* que a filosofia é dentre os estudos humanos o mais perfeito, o mais sublime, o mais útil e o mais alegre. Cada um destes predicados atribuídos por Tomás de Aquino à filosofia possui um significado próprio que esclarece sua respectiva atribuição.

O saber filosófico é o mais perfeito porque eleva o homem à beatitude, ou seja, contribui para que o espírito humano se aproxime do caminho da perfeição. Tomás de Aquino tem por certo que a razão existe no homem para seu aprimoramento. Segundo o aquinate não estamos prontos do ponto de vista da vida cristã, mas em vias de contínuo crescimento rumo à imagem de homem predeterminada por vontade divina. Nesse sentido, percebemos que nosso autor procura conciliar a filosofia com os elementos centrais da fé cristã e o faz situando o filosofar dentro das práticas que encaminham o cristão rumo ao aprimoramento espiritual, “porque enquanto o homem entrega-se ao estudo da sabedoria já vai participando, de algum modo, da verdadeira beatitude” (AQUINO, 1990, p. 21)<sup>2</sup>.

O saber filosófico é também o mais sublime “porque por ele o homem aproxima-se o mais possível da semelhança de Deus” (AQUINO, 1990, p. 21), isto é, a criatura se aproxima do criador no sentido de sua semelhança enquanto essência. A marca do criador na criatura é justamente a capacidade de razão, assim, exercitar-se na razão conduz o espírito para a sua

---

<sup>2</sup> Podemos notar que já no segundo capítulo da *Suma Contra os Gentios* se prenuncia o que Tomás de Aquino desenvolverá nos últimos capítulos do primeiro livro e que é também apresentado mais resumidamente na parte I da *Suma Teológica*: a relação interdependente entre razão e fé, filosofia e teologia.

imagem originária. Para Aristóteles o motor imóvel é causa do movimento do ser e o ser se move também rumo ao motor por atração porque a perfeição atrai o ser que tende para o perfeito (ARISTÓTELES, 2002). Assim, também para Tomás de Aquino, a filosofia reflete a busca do homem pelo perfeito mediante aquilo que naquele há de semelhante a este e, como anuncia o próprio Tomás: “porque a semelhança é causa do amor, o estudo da sabedoria nos une de modo precípua a Deus pela amizade” (AQUINO, 1990, p.21). O uso deste artifício por Tomás não é algo original se levarmos em conta que o próprio sentido etimológico da palavra filosofia descreve um sentimento de desejo. Como defendia Pitágoras, o filosofar não é motivado por interesses espúrios, mas sua motivação provém do apreço ao saber e, portanto, o filósofo é aquele que deseja e, por isso, busca em uma atitude contemplativa a sabedoria (SPINELLI, 2003).

O estudo do saber filosófico é também o mais útil e o mais alegre. Útil “porque pela própria sabedoria chega-se ao reino da imortalidade” (AQUINO, 1990, p. 21). Aqui, mais uma vez encontramos o anúncio de que a filosofia conduz aos desígnios escatológicos previstos na doutrina cristã. A história do homem encontra seu momento culminante no alcance da vida eterna, que se dá com a salvação da alma. Para salvar sua alma o cristão precisa assumir em vida uma série de práticas que purguem seu espírito e aperfeiçoem-no, isto é, preparem-no para um estado de vida superior. Por fim, a prática do filosofar é uma atividade que não causa enfado, mas, ao contrário, torna a vida do sábio “mais alegre e cheia de gáudio” (AQUINO, 1990, p.21). O espírito que está sempre em busca da verdade se compraz com a sabedoria não só quando a encontra, mas na própria atividade de busca.

Ao considerar estes adjetivos, notamos que Tomás de Aquino valoriza a filosofia. Na verdade, nosso autor não poderia de modo algum edificar seu pensamento teológico prescindindo dos elementos fundamentais da filosofia grega, uma vez que a tematização dos conceitos e categorias da filosofia clássica se impunha com grande força no pensamento medieval. Não seria considerado pertinente nenhum constructo que não levasse em conta o pensamento filosófico, pois seu rigor metodológico e seu poder crítico eram reconhecidos como pedra angular de toda edificação teórica. Em outras palavras, uma vez reconhecida como fonte frutuosa de conhecimento, a filosofia não poderia deixar de aparecer nos discursos daqueles que pretendiam falar algo com consistência teórica e valor de verdade.

Mesmo reconhecendo o valor da filosofia, nosso filósofo estabelece que há um limite com relação ao que ela pode conhecer. Para Tomás de Aquino o objeto fim do intelecto humano é a verdade e a razão natural pode proceder em vista de adquiri-la, como vimos anteriormente.

Entretanto, consoante Tomás de Aquino, nem toda verdade é assimilável ao intelecto humano, isto é, há determinados conteúdos que excedem a capacidade da razão natural (AQUINO, 1990, p. 22).

No pensamento tomista, o filosofar se relaciona com a fé cristã, de modo que o próprio conteúdo apreendido pela razão natural precisa concordar com a doutrina cristã. A razão se coloca, no conjunto do sistema filosófico do aquinate, como o meio natural pelo qual se chega a certas verdades de Deus. Portanto, se estabelece aqui um critério de validação do saber filosófico: tudo aquilo que provém do ato de filosofar só pode ser considerado válido se compatibilizar com os conteúdos da doutrina cristã revelada.

Confiando na piedade divina para prosseguir neste ofício de sábio, embora isto exceda nossas forças, temos por firme propósito manifestar, na medida do possível, a verdade que a fé católica professa, eliminando os erros contrários a ela. [...] deve-se recorrer à razão natural, com a qual todos são obrigados a concordar. Além disso, ao investigarmos uma verdade, juntamente mostraremos os erros por ela excluídos e como a verdade racional concorda com a fé da religião cristã. (AQUINO, 1990, p.21).

Nesse mesmo sentido, notamos claramente o uso de um artifício teórico que não é próprio da escolástica, mas do pensamento medieval como um todo: a tentativa de enquadrar os conteúdos da religião nos moldes do conhecimento filosófico. O interesse principal do emprego desse recurso é conferir pertinência lógica aos elementos fundamentais da doutrina religiosa (BOEHNER & GILSON, 2008).

No entanto, nem todo conteúdo disposto na doutrina cristã é cognoscível à razão natural. Quanto a isso, Tomás de Aquino propõe a divisão da verdade em duas ordens: a) as verdades aptas à filosofia, ou seja, os conteúdos assimiláveis à inteligência humana; b) as verdades que excedem a capacidade cognoscente.

Ao propor essa divisão, o aquinate preserva a especificidade do saber filosófico e, nesse sentido, não retira da filosofia os elementos que tradicionalmente a caracterizam, tais como, o uso sistemático da razão, o rigor lógico, a conceituação e a categorização. Com isso, prevalece que os conteúdos apreensíveis à filosofia são, ainda, aqueles da ordem conceitual e a filosofia é a especulação racional cujo resultado é o conceito.

Porém, há conteúdos da fé que não se enquadram no modo filosófico de pensar, como nos diz o aquinate:

[...] se o intelecto humano compreende a substância de uma coisa, seja de uma pedra ou de um triângulo, nenhuma das realidades inteligíveis desta coisa excede a capacidade da razão humana. Porém, com relação a Deus, tal não acontece. Isto porque o intelecto humano não pode chegar a apreender a substância divina pela sua capacidade natural. Como o nosso intelecto, no estado da presente vida, tem o conhecimento iniciado nos sentidos, aquelas coisas que não caem nos sentidos não podem ser apreendidas por ele, a não ser enquanto o conhecimento delas tenha sido deduzido das coisas sensíveis. Ora, as coisas sensíveis não podem levar o nosso



intelecto a ver nelas o que é a substância divina, porque elas são efeitos não equivalentes à virtude da causa. (AQUINO, 1990, p.22).

O conhecimento que se estabelece pela razão natural tem o seu início no âmbito da sensibilidade. Como vimos, os objetos possuem uma inteligibilidade que é apreendida pelo entendimento quando do encontro entre o sujeito e o objeto. O sujeito só consegue apreender o elemento essencial do objeto porque o intelecto é compatível com a inteligibilidade do objeto. Contudo, servindo-se da razão natural o homem não chega à essência da substância divina e isso se deve a pelo menos duas razões principais: em primeiro lugar, porque a substância divina não é passível à sensibilidade, isto é, ela não possui uma natureza sensível e, assim, acessível aos sentidos; em segundo lugar, porque a substância divina, assim como outros conteúdos da fé, não está na mesma ordem de verdade que os conteúdos da filosofia. Por isso, distinguir entre ordens de verdade significa propor que o âmbito da existência possui uma especificidade cuja forma de pensar é o *logos* filosófico, que está apto a conhecer seus objetos, e que, o âmbito da substância divina possui, igualmente, sua especificidade, não alcançável pelo intelecto humano.

Mesmo assim, Tomás não elimina a possibilidade do acesso humano às verdades divinas. Mas, sendo a filosofia limitada no sentido de atingi-las será necessária outra forma de conhecimento cujo aporte é a fé, a teologia. Por isso, compreendemos que de acordo com Tomás de Aquino a filosofia conduz o pensador necessariamente ao campo da teologia. Se as verdades últimas se referem a Deus é preciso, pois uma ciência de Deus para alcança-la.

### **Fé e teologia segundo São Tomás de Aquino**

Quando se fala em fé no âmbito da filosofia tomista, há que se distinguir a fé da crença. O conceito de fé, para Tomás de Aquino, compreende, antes de tudo, a adesão do sujeito a uma verdade tida como revelada por Deus. Nesse caso, a fé não é o simples crer ou acreditar em algo ou alguém ou, ainda, no que alguém disse. Normalmente se diz que a crença na palavra de alguém deriva da confiança que se tem em tal pessoa. Nesse sentido, a crença se refere à confiança ou certeza que brota da experiência que se tem com determinada pessoa, onde se estabeleceu uma relação de fidúcia entre os sujeitos. A experiência repetida reforça e consolida a imagem que se tem de uma pessoa e, por isso, é possível prever suas atitudes ante determinado fato e até mesmo suas opiniões a respeito das coisas. Assim, é pela experiência de vivência com as pessoas que se gera em nós a confiança naquilo que elas dizem, isto é, podemos saber se a pessoa é ou não de confiança, se o que ela diz é confiável. Por esta razão, no campo das relações interpessoais a crença em alguém é algo que deriva da experiência. O que não ocorre no fenômeno religioso, pelo menos em parte.

No campo da religião muitos fatores podem contribuir para que se creia. Dentre eles há alguns que são empíricos, como o contato com ensinamentos provenientes de mestres ou pessoas mais instruídas no assunto ou mesmo pela leitura de livros sagrados. Neste caso, a crença se estabelece por reverência à autoridade da religião que transparece no livro sagrado, isto é, a confiança brota pelo fato de se reconhecer no conteúdo do livro a mensagem da autoridade divina dirigida à criatura e, por isso, a leitura do livro sagrado mais do que a simples transmissão de uma doutrina é o estabelecimento de uma relação entre a divindade e o crente. Outro aspecto muito presente na religião é a dimensão emotiva do crente. As experiências das quais a fé deriva apresentam mobilização das emoções do sujeito, por isso, essas experiências são sempre particulares. A crença aqui deriva da experiência particular não sendo possível, assim, determinar algo de universal, ou seja, que possa refletir de modo categórico o conteúdo ou a motivação da fé.

Tomás de Aquino ao falar de fé não trata de ensinamentos de autoridade e tampouco de experiência emotiva, mas pretende situar a fé no campo do conhecimento. Entretanto, o nível do conhecimento aqui também não é o do saber filosófico. A fé significa aceitar como certo ou indubitável algo que não se pode confirmar, que não se pode provar por vias de comprovação empírica ou lógica. É por isso que Tomás ilustra sua fala sobre a fé com a conhecida passagem bíblica da Carta aos Hebreus, na qual o apóstolo Paulo anuncia que ter fé é acreditar em algo que não se vê. Para Tomás de Aquino, no ato de acreditar naquilo que não se pode ver, “distingue-se fé de ciência e intelecto, nos quais alguma coisa se faz aparente” (ABBAGNANO, 2007, p.502). Mas se a fé não está no âmbito da ciência e do intelecto, tampouco está no campo da opinião ou da emoção, pois ter fé significa ter plena certeza. A falta de provas faz com que o intelecto levante suspeitas sobre determinado objeto de conhecimento, ao passo que na fé não há lugar para suspeitas. Portanto, nosso autor define a fé como a firme certeza em uma verdade não palpável, mas que pode receber a completa adesão do sujeito, justamente, por ser essa verdade infusa (AQUINO, 2001, p.145), ou seja, não derivada dos processos comuns do conhecimento, a saber, a experiência e a formulação de conceitos. Por isso mesmo o aquinate classifica a fé como virtude do cristão. A fé é, portanto, a crença na verdade revelada por Deus. A verdade que os processos próprios do filosofar não podem alcançar, mas que são acessíveis ao intelecto do homem porque Deus dignou-se revelá-los.

Cabe também compreendermos como Tomás de Aquino define a teologia. A fé, como luz natural, produz no sujeito a certeza e a confiança nas verdades tidas como reveladas por Deus. Mas a teologia não é a fé. A teologia, ciência ou doutrina sagrada, como o autor a

denomina, é a disciplina que reúne os dados da fé com os elementos da racionalidade. Aquele que faz teologia medita sobre os conteúdos da fé sistematizando-os racionalmente. Em outras palavras, a teologia é a racionalização das verdades reveladas e admitidas pela fé (AQUINO, 2001, p. 143).

Como vimos, a razão natural não alcança por suas próprias forças a essência da substância divina, que está além daquilo que o conhecimento humano pode alcançar. No entanto, afirma Tomás que, como criatura o homem foi destinado para o conhecimento das coisas mais elevadas, ou seja, das verdades constituintes da substância divina. Assim, mesmo que o entendimento humano seja limitado existe uma maneira de adquirir o conhecimento mais elevado e esse meio é a teologia.

Nenhum desejo ou cuidado se dirige para uma coisa se esta não for previamente conhecida. Ora, os homens estão ordenados pela providência divina para um bem mais elevado que o capaz de ser experimentado pela fragilidade humana da presente vida [...]. Devido a isso, foi conveniente que a mente fosse atraída para algo mais alto que o atingido no presente pela nossa razão, de modo que esta aprendesse a desejar algo que excedesse totalmente o estado da presente vida, e se esforçasse para procurá-lo. (AQUINO, 1990, 25).

Para Tomás de Aquino, há no homem o desejo do conhecimento das verdades mais elevadas, ou seja, as verdades que se encontram na substância divina. Mesmo este conhecimento sendo inalcançável pelas forças da razão natural, o ser humano pode atingi-lo, pois Deus propõe que as verdades mais elevadas possam ser acreditadas pela fé, daí a pertinência da definição da fé como acreditar no que não se pode ver (conhecer pelos sentidos). Assim, a possibilidade de conhecer a essência divina é salva pela própria providência divina, fazendo com que tudo concorra para o bem da ordem pré dada do todo. Deus não é, portanto, desinteressado por sua obra, mas, ao contrário, “dignou-se revelar aos homens, mostrando-lhes a sua presença, a verdade de sua doutrina” (AQUINO, 1990, p. 27).

As verdades reveladas por Deus constituem o caminho inverso do acesso humano à substância divina. Quando o próprio Deus se revela, ele mostra ao homem as verdades que escapam à forma natural de conhecimento e, por isso, essas verdades não são demonstráveis do ponto de vista da filosofia e, nesse caso, só podem ser acreditadas, ou seja, admitidas pela fé. Porém, isso não significa que o homem não possa pensar sobre essas verdades, teorizar a respeito delas. É neste aspecto que se manifesta a função fundamental da teologia: o homem não questiona, mas apenas admite as verdades reveladas e sistematiza-as racionalmente conformando-as em sua forma de pensar. Portanto, o objeto da teologia é o dado inquestionável, porém pensado, da fé.

Além disso, a teologia não é algo facultado ao homem, mas compreende ferramenta necessária para a tematização de conteúdos que escapam a compreensão filosófica e que são essenciais para a vida do cristão. Exemplo disso seriam os assuntos constantes das escrituras sagradas, as orientações para a vida e a conduta do cristão que estão nela descritas precisam ser interpretadas e transmitidas na doutrinação. Para que isso aconteça se faz necessário um saber que proceda à compreensão desses conteúdos. “Portanto, é útil que além das disciplinas filosóficas, haja outra ciência inspirada por Deus” (AQUINO, 2001, p. 138).

Desse modo, percebemos que Tomás de Aquino qualifica a teologia como ciência. Ela seria a ciência de Deus, pois trata da substância divina, enquanto causa do ser, e seus efeitos. À ciência filosófica não cabem certos objetos que só se relacionam com a dimensão da fé e que fazem parte da vida e da experiência religiosa do indivíduo. Citando Agostinho, Tomás de Aquino salienta que à doutrina sagrada “pertence apenas aquilo pelo qual a fé, bem salutar, é gerada, alimentada, defendida, corroborada” (AQUINO, 2001, p. 139). Notemos que aqui Santo Tomás não só classifica a teologia como ciência, mas coloca Deus como objeto central da mesma, assim como Aristóteles colocou a metafísica como ciência de deus e a denominou como teologia (ARISTÓTELES, 2002). Entretanto, há uma distinção expressiva entre a metafísica de Aristóteles e a teologia de Tomás e esta distinção se deve, sobretudo, às diferenças entre os objetos da filosofia de Aristóteles e da teologia tomista. A metafísica de Aristóteles é teologia quando pensa em deus como o fundamento último, motor imóvel e causa não causada do movimento, enquanto que a teologia tomista pensa Deus do ponto de vista das razões do próprio Deus (AQUINO, 2001, p. 139). Na teologia de Tomás, Deus não é simplesmente o principio do ser, mas é também pessoa, que segundo seu intelecto tem razões próprias e ordena o mundo segundo sua vontade.

Mas a ciência divina não trata apenas de Deus e sua essência. Segundo Tomás de Aquino, ela também trabalha com os dados empíricos, ou seja, com os elementos do mundo sensível. Porém, não os tematiza tal como faz a filosofia. A filosofia tenta apreender a essência dos objetos, ou seja, aquilo que faz eles serem o que são, ao passo que a teologia pensa-os na sua relação a Deus (AQUINO, 2001, p. 141). Assim, a teologia pode se referir também às coisas, mas no sentido de perceber seu sentido no plano divino.

A teologia é, para Santo Tomás, a mais excelente das ciências por duas razões. A primeira diz respeito ao seu alcance epistemológico, pois ela é, ao mesmo tempo, teórica e prática. A teologia trata de Deus e das coisas em relação a Deus, nesse sentido ela é estritamente teórica, pois trabalha com o abstrato, isto é, não ultrapassa o plano do sentido. Mas a teologia

pode ser também prática, quando se dirigir para o tema das ações humanas, no sentido de orientar a vida dos fiéis. As ações dos cristãos devem coincidir com os desígnios divinos. Há, portanto, uma forma de ser cristão, que deve ser assumida como moral de cada indivíduo e a teologia se encarrega de tematizar essa moral. A segunda razão se refere ao fator qualitativo da teologia, uma vez que é sua tarefa levar o crente ao conhecimento das coisas mais excelentes, isto é, àquilo que pertence à substância divina, e se ela não recebe sua verdade de outros saberes, mas sim da própria revelação divina, então ela não está suscetível a possíveis erros, como é o caso das outras ciências. Mas o seu saber é o mais verdadeiro e o mais digno de confiança ao passo que os saberes humanos sempre estão sujeitos a erros advindos seja da incapacidade do intelecto, seja de equívocos no uso da razão (AQUINO, 2001, p. 143).

Percebemos aqui que nosso autor procura elevar a teologia ao máximo grau de certeza conferindo-lhe superioridade em relação à filosofia. Isso se deve ao fato de que a teologia não retira o conteúdo do seu saber das capacidades da razão natural, mas ela trabalha com a verdade dada, isto é, revelada. Contudo, é importante notarmos que, mesmo a teologia sendo mais exata que a filosofia, ela possui um déficit quanto ao seu estatuto epistemológico. A ciência sagrada, como a denomina Tomás, não possui métodos exclusivos e, por isso, precisa retirar da filosofia o seu modelo especulativo. Portanto, a teologia é um saber superior, mas se serve da filosofia, um saber inferior, para concretizar seu trabalho epistemológico.

Tomás procura solucionar essa dificuldade ao determinar que embora os métodos da ciência sagrada sejam tomados de empréstimo, o mesmo não ocorre quanto aos seus princípios, que são provenientes exclusivamente da essência divina. O intelecto humano é que possui limites e, por isso, precisa apreender a verdade divina revelada com os seus próprios recursos racionais. Mesmo assim, o homem ascende às verdades divinas porque elas são compatíveis com as verdades da sabedoria humana, isto é, filosófica. A filosofia é, portanto, um recurso a ser utilizado pelo teólogo.

### **A filosofia conduz à teologia**

A filosofia, enquanto procura da verdade pela via da razão natural, não se difere da teologia quanto ao fim que procura. Embora a filosofia trate das coisas, sua intenção não se estagna no conhecimento das mesmas, mas a aspiração do filósofo é a aquisição do saber por excelência, aquele conhecimento mais elevado (AQUINO, 1990, pp. 19-20). Como Tomás de Aquino identifica o saber superior com a verdade divina, conclui o aquinate que buscar a verdade é o mesmo que buscar a Deus.

Razão e fé, filosofia e teologia se encontram intrinsecamente relacionados. A razão natural seria a capacidade com a qual o homem pode elevar o espírito até as verdades que se pode atingir. Porém, pelas próprias forças o ser humano não pode atingir seu intento epistemológico, o alcance da verdade divina. Por isso se faz necessária a adesão mediante a fé aos princípios da sabedoria divina revelada. Deus, portanto, vai ao encontro do homem e o auxilia em sua limitação, promovendo a elevação do ser humano ao conhecimento das verdades superiores.

Como se viu, há duas ordens de verdades referentes às realidades divinas inteligíveis: uma, a das verdades possíveis de serem investigadas pela razão humana; outra, a daquelas que estão acima de toda capacidade desta razão. Ambas, no entanto, são convenientemente propostas por Deus aos homens para serem acreditadas. (AQUINO, 1990, p. 24).

Tomás de Aquino enfatiza que o homem já manifesta na filosofia o interesse pelo conhecimento de Deus. Este interesse é que conduz o itinerário filosófico que transpõe a investigação do âmbito das coisas sensíveis para o campo das verdades últimas. Desse modo, não se pode partir inicialmente da própria teologia, mas a filosofia é degrau necessário e passagem fundamental para o teólogo. O teólogo começa seu trabalho especulativo pela filosofia e, ascende ao saber teológico quando seu espírito está devidamente preparado.

Nesse aspecto, Tomás diverge de Aristóteles quanto à disposição da metafísica na ordenação das disciplinas filosóficas. Para o estagirita, a metafísica é a filosofia primeira, já que trata do fundamento de todas as coisas. Para ele, é necessário conhecer o ser enquanto ser, ou o fundamento último, para depois edificar os demais saberes tanto teóricos como práticos, pois tudo se fundamenta e encontra seu fim em coerência com o ser fundamental<sup>3</sup>. O primeiro motor imóvel seria, então, o objeto central da teologia. Tomás, no entanto, discorda e afirma que a filosofia primeira não é a metafísica, entendida aqui como teologia, investigação do fundamento ou primeiro motor. “Como o trabalho especulativo de toda a filosofia dirige-se para o conhecimento de Deus, a metafísica – que tem por objetivo as verdades divinas – deve ser a última parte da filosofia a ser conhecida” (AQUINO, 1990, p. 24).

Como prerrogativa da teologia, a filosofia constitui primeiro exercício racional daquele que se pretende teólogo. Como as verdades divinas são as mais difíceis de serem conhecidas, não poderia a teologia ser a primeira forma de saber do homem, “pois somente um longo trabalho torna o intelecto apto a compreendê-las” (AQUINO, 1990, p. 24). Mas a preparação do intelecto pela filosofia não é suficiente, é preciso, ainda, a adesão à fé, pois nem todas as

---

<sup>3</sup> “Para todo e qualquer ente, para todo ente de toda e qualquer significação, há o movimento que conduz ao surgimento e o movimento de recondução para algo assim como Um.” Cf. (ARISTÓTELES, 2002, livro XI, 1061).

verdades divinas se adequam ao modo de proceder da racionalidade filosófica. Um exemplo disso, Tomás o mostra no início da *Suma Contra os Gentios*, quando o mesmo afirma que a existência de Deus é algo que o intelecto no seu uso filosófico pode admitir, e muitos filósofos já chegaram a essa verdade por vias da própria razão natural, ao passo que Deus ser uno e trino ao mesmo tempo é inadmissível à lógica da filosofia (AQUINO, 1990, p. 22).

Para a aceitação de certas verdades que escapam à lógica da filosofia é necessária a fé. Acreditar é o primeiro passo para o entendimento da verdade divina. A fé estabelece a confiança nos pressupostos ou princípios fundamentais da doutrina sagrada, isto é, o que está em jogo, em última análise, é a adesão às bases nas quais se sustenta a doutrina cristã e só após essa adesão se pode empreender a teologia. À teologia cabe, portanto, sistematizar racionalmente a doutrina cujos pressupostos são de antemão acreditados.

Para Tomás o papel da fé é essencial não só porque ela propicia o aceite dos pressupostos da doutrina sagrada, mas porque somente a fé proporciona o encaminhamento do intelecto humano às verdades superiores. Se ficasse somente com a sua luz natural e recusasse a fé, o sábio estagnaria seu itinerário epistemológico. Com efeito, Tomás defende que o saber que se alcança pela teologia não discorda daquilo que se apreende pela via da razão. Sendo assim, o saber que se alcança pela teologia confirma tudo aquilo que antes já foi conhecido pela filosofia.

Ora, o conhecimento próprio à nossa ciência é obtido por revelação e não pela razão natural. Por conseguinte, não pertence à doutrina sagrada estabelecer os princípios das outras ciências, mas apenas julgá-los. Tudo o que nessas ciências se encontrar como contrário à verdade da ciência sagrada deve ser condenado como falso. (AQUINO, 2001, p.146).

Assim, notamos que a teologia, como última etapa do empreendimento especulativo, representa, acima de tudo, alcance da verdade divina, mas, também, o critério pelo qual se julga a certeza do saber filosófico. A relação entre razão e fé, filosofia e teologia na perspectiva tomista representa, além do caminho do homem a Deus, a construção do próprio edifício do saber, que só encontra seu coroamento quando acessa a verdade suprema. Filosofia e teologia são momentos diferentes e necessários desse processo. O conhecimento da verdade divina é, para o filósofo, a confirmação de que seu intento epistemológico logrou êxito e, para o cristão que faz teologia, o momento de realização de suas expectativas não somente de cunho especulativo, mas, acima de tudo, da experiência religiosa com o ser transcendente. Portanto, em Tomás de Aquino fica claro que a filosofia conduz necessariamente à teologia, ou seja, a relação que se estabelece entre estas duas disciplinas é uma relação de complementaridade, sendo que a teologia constitui o momento mais elevado na escala do saber.

Nesse constructo, que é efetivamente filosófico, vemos brotar do encontro entre duas tradições uma filosofia que não perde seus traços fundamentais, mas que se enriquece com conteúdos novos, gerando assim, um pensamento singular. Portanto, a filosofia tomista carrega a pretensão de superar as dissonâncias existentes entre pensamentos que, a princípio, são inconciliáveis.

Mais do que relacionar a filosofia com a teologia a fim de salvaguardar a doutrina cristã ou conferir-lhe legitimidade racional, Tomás propõe um novo constructo filosófico, ou seja, um novo momento para a filosofia, no qual ela se encontra irremediavelmente transpassada pelo pensamento da tradição cristã e, por isso, não poderia se furtar às novidades que brotariam do contato com outra forma de pensar bastante singular. Em outras palavras, Tomás acaba sendo o mediador de um momento singular da história da filosofia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AMARAL, António. A relação Protensiva entre Fé e Razão na Filosofia Medieval. *LusoSofia Press*, 2003. Disponível em: [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa, Marcelo Perine. São Paulo, Edições Loyola, 2002.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GILSON, Etienne. *A filosofia na idade média*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. “Presença de Tomás de Aquino no Horizonte Filosófico do Século XXI”. *Síntese Nova Fase*. Vol. 25, Nº 80, 1998, pp. 19-42.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-Socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega*. 2ª Ed., Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Suma Teológica* Vol. I. São Paulo: Loyola, 2001.
- ZILLES, Urbano. *Fé e Razão no Pensamento Medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 2001.